

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

| | | |
|--|---|--|
| <p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p> | <p>Director—BRANCO RODRIGUES — Redactor—ALVARO COELHO</p> | <p>PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis</p> |
|--|---|--|

CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O MELHORAMENTO DA SORTE DOS CEGOS EM 1902

Realiza-se nos dias 6 a 10 de agosto do corrente anno um congresso internacional para o melhoramento da sorte dos cegos no Palacio das Academias, em Bruxellas, sob o patronato de S. M. Leopoldo II, rei da Belgica, e do qual é presidente honorario o Sr. Van den Heuvel, Ministro da Justiça daquelle país e vice-presidente os Srs. Jules Lejeune, Ministro de Estado, A. Vergote, governador do Brabant e E. de Mot, burgomestre de Bruxellas.

Será interessante publicar uma resenha historica do ensino dos cegos, que deve a sua diffusão e em parte o seu progresso aos differentes congressos, que se teem realizado sobre este assumpto.

Esta resenha que vamos ampliar com algumas notas, acompanha o convite que a commissão executiva do congresso dirigiu á direcção do *Jornal dos Cegos* de Lisboa para ella se fazer representar no mesmo congresso.

No fim do seculo xviii Valentin Haüy tentou ministrar a instrucção a alguns mendigos cegos que o acaso fez que encontrasse nas ruas de Paris. O bom exito desta tentativa ultrapassou as suas esperanças: por isso fundou pouco depois nessa mesma cidade, a primeira escola para cegos.

A reputação de Haüy passou alem da França e a pedido dos Governos da Prussia e da Russia, fundou um instituto de cegos em Berlim e outro em S. Petersburgo. Depois voltou para a sua patria e consagrou os ultimos annos de existencia á sua obra humanitaria. Esta obra não morreu com

elle: hoje numerosos institutos, espalhados por todo o mundo, dão educação e instrucção a milhares de cegos.

Valentin Haüy tinha ensinado os seus discipulos a lerem livros em relevo, cujos caracteres se semelhavam muito aos dos videntes; e ensinava-lhes a escrever á penna, por meio de um guia-mão.

Este systema de leitura e escrita era muito rudimentar, muito incompleto e a instrucção dos cegos baseava-se especialmente na memoria. Os typhlophilos procuraram aperfeiçoar a obra de Haüy e surgiram então muitos systemas de escrita, particularmente em França, na Allemanha, na Austria, em Inglaterra e na Belgica. Mas entre todos esses inventores foi um cego que conseguiu triumphar e ter a consolação de dar aos seus companheiros de infortunio um systema de escrita e de leitura, que lhes permite escrever e ler quasi tão rapidamente como os videntes. Luiz Braille, antigo alumno e professor nessa mesma escola de Paris, fundada por Haüy, achou o meio de formar com seis pontos combinados por diversos modos, 63 signaes, com os quaes compôs um alphabeto completo, os signaes de pontuação, os algarismos e todos os signaes de musica. Esta escrita, que em breve devia elevar a instrucção dos cegos ao mesmo nivel da dos videntes, encontrou ao começo bastantes obstaculos para a sua diffusão: tinha que inutilizar tantas invenções fructos de tantas outras pesquisas laboriosas, de tantos esforços generosos; hoje, porem, a sua victoria é completa e todos os typhlophilos, com raras excepções, adoptaram o systema do inventor cego.

O systema Braille tem soffrido algumas modificações quanto ás dimensões das letras e ao modo de as imprimir e de as escrever.

Na Belgica diminuiu-se o tamanho das letras, a fim de tornar a leitura mais rapida e os livros menos volumosos; em Inglaterra descobriu-se o systema das *entrelinhas* que consiste em escrever de ambos os lados do papel de modo que as linhas de uma das paginas se escrevam entre as linhas da outra; em França aperfeiçoou-se este systema, ou antes, substituiu-se pelo systema dos *interpontos*; na Hollanda inventou-se um apparelho, que permite escrever não um ponto de cada vez, mas um letra completa; em França substituíram-se os caracteres de imprensa por chapas de cobre e de zinco nas quaes se escreve com auxilio de um punção e de um martello; na Belgica substituiu-se o martello por uma machina de pedal; em Portugal applicou-se a estereotypia á escrita dos cegos feita sobre papel,

prescindindo-se da escrita sobre zinco e dos caracteres moveis; por este processo já foram impressas na Imprensa Nacional duas obras.

Para poupar tempo e papel inventaram-se abreviaturas. Ao começo eram arbitrarías e prejudicavam muito a orthographia. Agora quasi todas as linguas europeias adoptaram um systema de abreviaturas orthographico, que reune duas vantagens: a conservação rigorosa da orthographia e a economia de tempo e de papel. Uma das obras impressas na Imprensa Nacional de Lisboa, a que nos referimos, é o tratado de abreviaturas portuguezas intitulado: *Methodo Estenographico para uso dos cegos*.

O proximo congresso occupar-se-ha desta questão.

A escrita Braille sendo uma escrita convencional é illegivel para os videntes; d'ahi resulta para os cegos, a necessidade de uma segunda escrita para a correspondencia com elles. Numerosos systemas de escrita vulgar, plana ou em relevo, teem apparecido por toda a parte. Todos elles pouco ou nenhum valor teem para a instrucção dos cegos.

Muitos aparelhos teem sido inventados para o cego fazer operações de calculo. Os cegos, porém, podem servir-se de papel e fazer as suas operações com o auxilio da propria pauta de Braille.

A geographia ensina-se por meio de mappas e de globos em relevo fabricados especialmente nos institutos de Illzach (Alsacia-Lorena), de Paris e de Bruxellas. O instituto de Illzach possui alem disso uma importante collecção de mappas em relevo para o estudo da geometria, e para o ensino intuitivo.

Em França e na Belgica os principaes institutos esforçam-se por tornar os seus alumnos, que teem disposição para aprender musica, musicos de profissão. Já teem produzido um grande numero de professores de musica, de organistas e de afinadores de pianos.

Antes da invenção do systema Braille, os cegos não podiam escrever musica: tinham que aprender os trechos por meio da audição; hoje escrevem a musica, aprendem-na de cór e depois é que a executam.

Os alumnos que não teem vocação para a musica aprendem um officio, como o de cesteiro, canastreiro, palheiroiro, o do fabrico de escovas, de capachos, etc.

Mas não basta ensinar musica ou o trabalho manual para assegurar o futuro do cego; é necessario que este encontre meio de utilizar os conhecimentos adquiridos. Ora, o cego, quando sae do instituto encontra

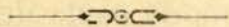
muitos obstaculos para criar uma posição; as pessoas que não conhecem os cegos tem a seu respeito falsos preconceitos e nenhuma confiança nas suas aptidões; preferem dar-lhes uma esmola, o que lhes parece muito mais natural e mais caritativo do que lhes confiar uma criança para ensinar, ou um piano para afinar, ou uma cadeira para empalhar.

É por este motivo que se tem fundado muitas sociedades de patronato que tem por fim procurar trabalho para os cegos que saem dos institutos, e não esmolas, que alimentam a ociosidade. Alem disso essas sociedades procuram as crianças cegas em idade escolar, dão aos paes instrucções sobre o modo de ministrar a primeira educação a essas crianças; fundam officinas e escolas profissionaes para os individuos que cegam em idade adulta e estudam todas as questões concernentes aos cegos.

Portugal é o unico país da Europa onde mais se tem descurado este ramo de ensino.

E as tentativas particulares que ultimamente se tem feito para o implantar entre nós, tem merecido dos Governos o mais completo desprezo.

BRANCO RODRIGUES.



HELEN KELLER

Of all the good and beautiful things wich come into our lives, love is the best and beautiful, since it alones makes it possible for a little girl, deaf and blind, as I am, to rejoice in the brightness and loveliness of a world she can not see¹.

HELEN KELLER.

Fôra o amor do proximo quem levára o homem a tentar dissipar as fundas trevas que obscureciam a alma do cego, foi ainda esse amor que levou o immortal Samuel Howe á empresa bem mais difficil de educar um ser a quem só restava o tacto para communicar com o mundo exterior—um ser a quem faltavam a vista, o ouvido, o olfacto e o paladar.

¹ De todas as boas e bellas cousas que ha na nossa vida, o amor é a melhor e a mais bella, porque só elle é capaz de fazer com que uma rapariguinha cega e surda, como eu sou, se alegre com o esplendor e belleza dum mundo que não pode ver.

Todavia esse ser era um ser humano e nas mãos desse homem genial pôde adquirir a linguagem, pôde entrar em comunicação com o mundo, chegar a aquisição dos conhecimentos religiosos, que impediram a realização de maiores progressos, mas foram para essa creatura um consolo e uma esperança.

Laura Bridgmann, assim se chamava esse desditoso ser, pôde aos 60 annos de idade, em 24 de maio de 1889, morrer tranquillamente na esperança de entrar na *patria celeste*, onde ella pensava iria ouvir e fallar.

A nação Norte-Americana considerou como uma das suas maiores glorias o ter sido um dos seus filhos quem alcançara esse maravilhoso resultado, que bem podia ser appellidado de milagre.

A mais bella das escolas de cegos que existem no mundo ergeu-se para abrigar Howe e a sua educanda.

Se o feito de Samuel Howe merece a consideração de toda a humanidade como um dos que mais a ennobrecem, merece-o ainda muito mais da parte dos educadores — é o exemplo mais vivo e magistral do poder da educação, exemplo que todo o educador deveria ter sempre perante os olhos quando se levantam difficuldades ante a sua missão. Todo o educador devia, como diz o Prof. Dr. Jerusalem¹, repetir a divisa de Howe: «Todos os obstaculos se podem remover».



HELEN KELLER E MISS A. SULLIVAND

¹ *Laura Bridgmann*, pag. 74.

Os processos de ensino empregados com Laura aperfeiçoaram-se, e hoje, o ensino dos cegos surdos-mudos é uma instituição nacional de que os norteamericanos teem o maior e mais justificado orgulho.

Das creanças, hoje já numerosas, a quem esse ensino foi ministrado, conta-se uma intelligentissima, aquella cujo nome serve de titulo a este artigo.

Desejámos fazer conhecida dos nossos leitores essa gentil rapariguinha e os methods por que ella foi ensinada. O nosso desejo pôde realizar-se graças á liberalidade e cortesia do sr. John Hitz, o director do Volta Bureau, instituto dos Estados Unidos, cujo fim é a divulgação do ensino dos surdos-mudos.

O sr. John Hitz offereceu-nos as duas magnificas e luxuosas memorias publicadas pelo Volta Bureau acêrca de Helen Keller¹, a primeira das quaes se acha esgotada, e alguns numeros de jornaes que se referiam a Keller; pela sua amavel intervenção o sr. W. Wade² offereceu-nos um exemplar da sua monographia sobre o ensino de cegos surdos-mudos.

Servimo-nos ainda para a elaboração deste artigo dos Relatorios do Instituto Perkins que possuimos desde 1897, do estudo do Prof. Jerusalem acêrca de Laura Bridgmann³ e dos artigos da Encyclopedia do Prof. Mell⁴.

*
* *

Helen Adams Keller é a filha mais velha do Major Arthur Henley e de Kate Keller; nasceu em Tuscumbia, Alabama nos Estados Unidos a 27 de junho de 1880.

¹ Helen Keller: *Souvenir of the first summer meeting of the American Association to promote the teaching of Speech to the Deaf*. Second edition. Volta Bureau, Washington 1892.

Helen Keller: Souvenir n.º 2, 1892-1899, commemorating the Harvard final Examination for Admission to Radcliffe College June 29-30, 1899. Volta Bureau, Washington.

² William Wade, *The Deaf-Blind. A Monograph. Printed for Private Circulation.* Hecker Brothers, Indianapolis, Indiana 1901.

³ Prof. Dr. Wilhelm Jerusalem, *Laura Bridgmann. Erziehung einer Taubstumm-Blinden.* Pichler's Witwe & Sohn, Wien 1890.

⁴ Prof. Alexander Mell, *Encyklopädisches Handbuch des Blindenwesens.* Pichler's Witwe & Sohn, Wien 1900. Artigos: *Bridgmann*, pag. 134, e *Keller*, pag. 398.

Tem uma irmã, Mildred Campbell, nascida em 1886, e um irmão, Phillip Brooks, nascido em 1891.

Ao nascer Keller possuía todos os sentidos, mas aos dezoito meses teve uma grave doença e, depois de restabelecida, reconheceu-se que a criança havia ficado totalmente cega e surda.

Seus paes resolveram fazê-la educar, e, tendo pedido ao Director do Instituto Perkins uma professora, este indicou-lhes Miss Annie M. Sullivand que tinha já feito um largo tirocinio no seu estabelecimento.

Em março de 1887, era Helen entregue aos cuidados de Miss Sullivand.

O primeiro trabalho de Miss Sullivand foi ensinar á sua discipula o alphabeto manual dos surdos-mudos.

Para isto tomava um objecto que a criança pudesse facilmente palpar e indicava-lhe o nome delle por meio do alphabeto manual, obrigando a discipula a seguir os movimentos dos dedos com as suas mãos, pegava depois na mão da criança e movia-lhe os dedos repetindo as lettras ensinadas.

A criança comprehendeu rapidamente o que desejava a professora, e dentro em breve tentava ella reproduzir os movimentos dos dedos, o que conseguiu com uma precisão admiravel, ao passo que mostrava comprehender que o que lhe ensinavam eram os nomes dos objectos que lhe faziam palpar.

Em poucos dias Keller aprendeu todo o alphabeto e sabia os nomes dum grande numero de objectos. Ensinou-lhe então Miss Sullivand palavras representativas de acções, e finalmente a formar proposições; em Abril de 1887 Helen podia dizer: «A caixa está na mesa», Mildred (a irmã mais nova) está no berço», e outras phrases analogas.

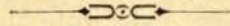
Nestes exercicios seguiu Miss Sullivand o methodo empregado pelo Dr. Samuel Howe no ensino de Laura Bridgmann, mas reconheceu em breve que esse methodo era insufficiente para as necessidades da discipula. Reconheceu que não devia limitar-se estrictamente ao uso das palavras cujo sentido a discipula sabia, e começou a introduzir nas phrases palavras sem mais explicação do que a que resultava immediatamente das outras palavras com que essas estavam em connexão.

Depois de num grande numero de phrases diversas entrar a palavra desconhecida a criança chegava a comprehender a significação della. E fazia isso com uma tal intuição que dentro em pouco era senhora dum vocabulario,

causa de admiração para a propria professora, que por vezes não sabia explicar como a discipula chegára ao conhecimento dum certo vocabulo.

Keller aprendeu com a maior facilidade a ler os caracteres de Braille e muito rapidamente aprendeu a escrever. Em 12 de julho pôde escrever, sem auxilio algum, uma carta a uma de suas primas.

ALVARO COELHO.

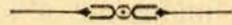


PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Der Blindenfreund—Jahrgang XXI, n.º 11, 15. November 1901. Düren. Summario: *Verein zur Förderung der Blindenbildung* (Associação promotora da educação dos cegos).—*Entgegnung* (Replica), Paul Schmeider.—*Von der Einweihung des Erweiterungsbaues (Heimes) an der Grossherzoglichen Blindenanstalt zu Neukloster* (Abertura da nova parte do edificio (casa familiar) no Instituto Grão-Ducal de Neukloster)—*Physik in der Blindenschule* (Physica na escola de cegos), Kraut.—*Fest-Gedicht* (Poesia commemorativa), Hugo Gläser.—*Ueber Zweck und Nutzen des Hilkeschen Stimmunterrichts-Klavier* (Fins e utilidade do teclado para o ensino da afinação de Hilke).—*Die indische Augenheilmmethode* (O método indiano para a cura das doenças de olhos).—*Vermischtes. Aus der Tagespresse* (Variedades. Da imprensa diaria).

Le Valentin Haüy—19^{me} année, n.º 11, Novembre 1901. Paris. Summario: *Congrès de Breslau. L'École de Chilly-Mazarin pour les Jeunes Filles aveugles et arriérées*.—*Chronique de l'Association*.—*Bibliographie*.—*Nouvelles et renseignements*.

L'Amico dei Ciechi—Anno XXV, n.º 197, Novembre 1901. Firenze. Summario: *Un nostro desiderio esaudito*.—*Tutela della prima infanzia (Prevenzione della cecità)*.—*Una lettera di S. E. Zanardelli*.



NOTICIARIO

1. O sr. Proust, cego francês, inventou duas pequenas guias moveis que, introduzidas nos rectangulos da pauta Braille, facilitam consideravelmente o traçado da escrita plana rectilinea (Hebold) de que nos occupamos em o n.º 11 de 1901 do *Jornal dos Cegos*.

O sr. Proust publicou ainda um index indicando por numeros o traçado de cada letra.

2. Os relógios de albigeira geralmente usados pelos cegos são relógios ordinarios em cujos quadrantes se introduziram pequenas hastes metallicas junto dos algarismos das horas. O sr. Stamberg, relojoeiro de Copenhagen, fabricou, recentemente, um relógio mais perfeito: as hastes indicativas das horas são de dois tamanhos, as mais elevadas indicam as III, VI, IX e XII horas, a menos elevadas as restantes; os ponteiros são substituidos por duas saliencias de altura tambem diferente, collocadas na periphèria de dois discos postos em movimento pela machina do relógio. Este relógio, de prata, custa 32 coroas dinamarquesas.